

RELATÓRIO SEMESTRAL

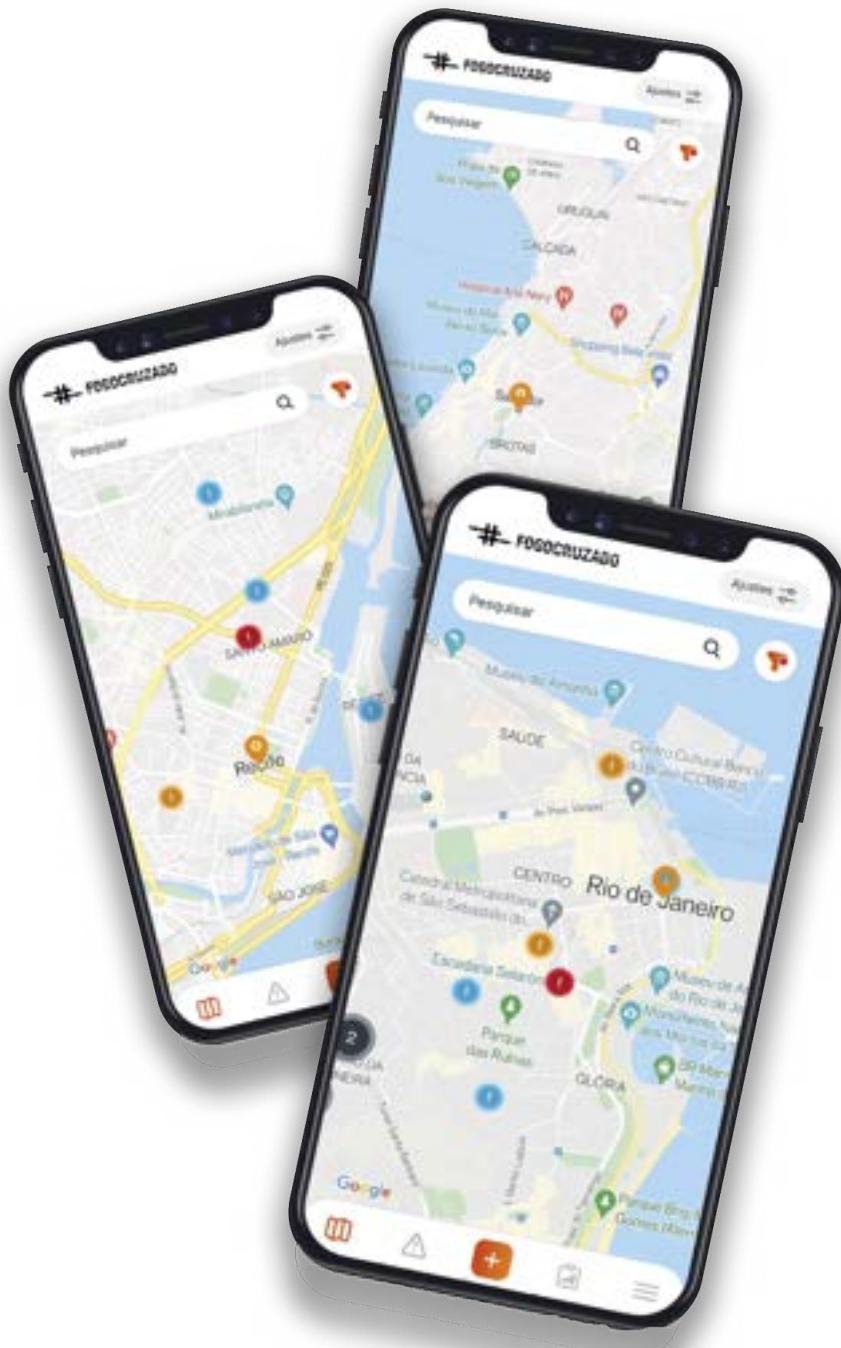
2022.1

REGIÕES METROPOLITANAS DO RIO DE JANEIRO E RECIFE

INSTITUTO FOGO CRUZADO: INOVAÇÃO, COLABORAÇÃO E TECNOLOGIA COM FOCO EM SALVAR VIDAS

O Instituto Fogo Cruzado desenvolveu uma metodologia própria e inovadora para monitorar tiroteios e seus impactos nos centros urbanos. Produzimos mais de 20 indicadores inéditos sobre violência armada nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, desde 2016, do Recife, desde 2018, e a partir deste mês também na Bahia, atuando em Salvador e na Região Metropolitana.

Através de um aplicativo de celular que pode ser encontrado para download em [iOS](#) e [Android](#), o Fogo Cruzado recebe e disponibiliza informações sobre tiroteios e disparos de arma de fogo. Estas informações estão disponíveis no primeiro banco de dados abertos sobre violência armada da América Latina, que pode ser acessado gratuitamente na [API](#).



SUMÁRIO

GLOSSÁRIO	04
O BRASIL QUE DÁ CARINHO ÀS ARMAS E ABANDONA CRIANÇAS	05
INDICADORES BÁSICOS COMPARADOS RJ X PE	07
REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE	08
APRESENTAÇÃO	09
DADOS GERAIS	10
AGENTES DE SEGURANÇA	11
CABO DE SANTO AGOSTINHO-PE	13
CRIANÇAS E ADOLESCENTES	15
REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO	17
APRESENTAÇÃO	18
DADOS GERAIS	19
MOTIVOS DOS TIROTEIOS	20
CHACINAS	21
AGENTES DE SEGURANÇA	23
BAIXDA FLUMINENSE	25
METODOLOGIA	27

GLOSSÁRIO



AÇÕES/OPERAÇÕES POLICIAIS

Ações policiais de rotina (abordagens, rondas, patrulhamento, blitz, entre outros) ou planejadas, que resultam em disparos de armas de fogo com a presença de agentes de segurança em serviço.



ADOLESCENTE

Entre 12 e 18 anos incompletos.



AGENTE DE SEGURANÇA

Incluem policiais civis, militares e federais, guardas municipais, agentes penitenciários, bombeiros ou militares das forças armadas - em serviço, fora de serviço, na reserva ou reformados.



BAIXADA FLUMINENSE

Região do estado do Rio de Janeiro que abrange os municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica.



BALEADOS

Pessoas atingidas por projéteis de arma de fogo, incluindo mortas e feridas.



CHACINA

Situação em que 3 ou mais civis são mortos por arma de fogo em uma mesma situação, independentemente do motivo dos disparos.



CRIANÇA

Até 12 anos incompletos.



DISPUTA

Disputas por controle de território entre grupos armados (sejam eles de facções do tráfico de drogas ou sejam milicianos).



IDOSO

A partir de 60 anos.



LESTE METROPOLITANO

Região do estado do Rio de Janeiro que abrange as cidades de Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, Maricá, Rio Bonito, Cachoeira de Macacu e Tanguá.



LITORAL SUL PERNAMBUCANO

Região do estado de Pernambuco que abrange, dentro da Região Metropolitana, as cidades de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca.



VÍTIMAS DE BALA PERDIDA

Pessoas que não tinham nenhuma participação ou influência sobre o evento no qual houve disparo de arma de fogo, sendo, no entanto, atingidas por projéteis.

O BRASIL QUE DÁ CARINHO ÀS ARMAS E ABANDONA CRIANÇAS

O país está armado do Sul ao Norte. Há armas por todo lado: nas mãos de milicianos, assaltantes, garimpeiros, grileiros, traficantes. Isso não é exatamente uma novidade. O que marca o Brasil de 2022 é que há cada vez mais pistolas, fuzis e submetralhadoras nas mãos de cidadãos comuns. Os números mostram que existem mais civis armados do que militares atualmente no país.

Armas sempre circularam no Brasil, mas o controle está cada vez menor sobre quem compra e quem vende. Desde 2019, o governo federal tem atuado, através de portarias, para facilitar o porte de armas e dificultar o rastreamento de munições. A consequência disso é que muitas armas vão parar em mãos erradas. Cidadãos legalmente registrados na Polícia Federal e no Exército desviam armas para traficantes, milicianos, assaltantes e matadores de aluguel. Em janeiro, no Rio de Janeiro, um homem com registro de CAC (Colecionador, Atirador e Caçador) foi preso por repassar armas compradas legalmente para o Comando Vermelho. Em junho, em São Paulo, a polícia descobriu que um homem que faz parte do Primeiro Comando da Capital (PCC) usava um parente com registro de CAC para comprar armas para a facção.

O Relatório Semestral do Instituto Fogo Cruzado mostra as consequências da falta de fiscalização e do relaxamento das normas: grupos armados disputam bairros nas regiões metropolitanas do Recife e do Rio de Janeiro. As operações policiais, por sua vez, não resolvem o problema e só aumentam a letalidade, especialmente no caso fluminense.

As operações policiais voltaram a assustar a população do Rio de Janeiro pelo alto número de vítimas. Já tinha sido assim no primeiro semestre de 2021 - 28 mortos no Jacarezinho - e no segundo semestre do mesmo ano - nove mortos no Complexo do Salgueiro. Desta vez, o cenário foi a Vila Cruzeiro, onde 23 pessoas foram mortas durante uma operação da Polícia Militar com a Polícia Rodoviária Federal. E essa não foi a única operação letal nessa favela. Em três meses, duas operações na Vila Cruzeiro deixaram um saldo de 32 mortos.

O Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que o governo do estado do Rio de Janeiro produzisse um plano de redução da letalidade policial. Ele até foi divulgado, mas não contemplava os pedidos do Supremo, que deu novo prazo para que o governador Cláudio Castro apresente um projeto de como pretende solucionar a alta letalidade das ações policiais.

Enquanto isso, a caravana não para. Em média, sete a cada dez chacinas aconteceram durante ações ou operações policiais. O Fogo Cruzado considera como chacina episódios em que três ou mais pessoas são mortas. Uma delas foi a da Vila Cruzeiro, a segunda operação mais letal da história da segurança pública fluminense.

Foto: Carl de Souza / AFP



Foto: Acervo Pessoal

Um caso que marcou a segurança pública pernambucana na primeira metade do ano foi a morte da menina Heloysa Gabrielle, de 6 anos. A despeito de abrigar praias internacionalmente conhecidas, como Porto de Galinhas e Maracaípe, o município de Ipojuca tem sido lugar de violência e tensão. No dia 30 de março, uma perseguição policial na comunidade de Salinas terminou em tiroteio. Heloysa, que brincava no terraço de casa, foi atingida por um disparo no peito e morreu. A população de Salinas, revoltada com o episódio, protestou nos dias seguintes, fechando comércios e bloqueando vias. As manifestações levaram o governo do estado a enviar tropas especiais da polícia para Ipojuca.

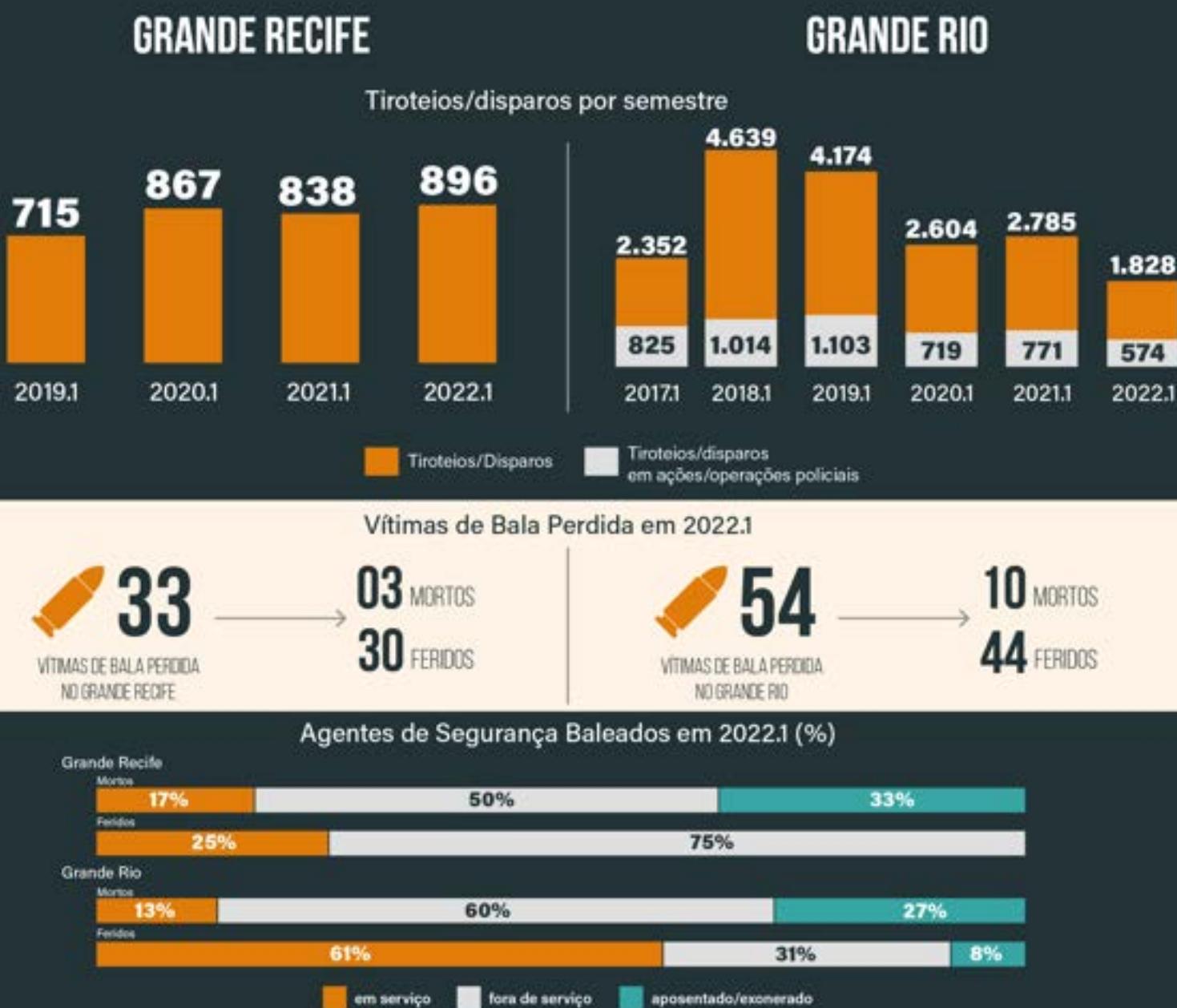
No fim de maio, quase dois meses depois do caso Heloysa, uma ação policial terminou com três mortos em frente ao presídio de Igarassu. Um dos mortos era a principal testemunha da morte da menina. Segundo a polícia, a ação aconteceu após policiais receberem a informação de que o trio aguardava a saída de um ex-presidiário para executá-lo. Os dois casos seguem sob investigação. Enquanto isso, a violência avança sobre as cidades de Pernambuco.

A morte da menina Heloysa, infelizmente, não é um caso isolado. O Brasil de 2022 apresenta essa realidade: nossas crianças são vítimas diretas da violência armada, seja quando são atingidas pelas balas, seja quando perdem aulas por conta de tiroteios que fecham escolas. Os meninos e meninas hoje traumatizados pela violência são os cidadãos de amanhã. Nosso futuro está em jogo. É preciso salvar nossas crianças.

INDICADORES BÁSICOS COMPARADOS RJ X PE

O primeiro semestre de 2022 bateu recorde na Região Metropolitana do Recife. Desde que o Fogo Cruzado chegou na região, em 2018, nenhum semestre havia tido tantos tiroteios quanto nesta primeira metade do ano: foram 896 tiroteios, mais do que os 887 do segundo semestre de 2021, que até então era o índice mais alto. Todos esses casos deixaram 708 mortos e 328 feridos. Morreu mais gente de tiro no Grande Recife do que no Grande Rio (499). Em comparação com o primeiro semestre de 2021, Recife e Região Metropolitana tiveram aumento de 11% no número de mortos.

Já a Região Metropolitana do Rio teve 1.828 tiroteios nos primeiros seis meses do ano, o menor número de toda a série histórica do Fogo Cruzado, que começou em 2016. Ainda assim, o primeiro semestre teve uma média de mais de 10 tiroteios todos os dias, de janeiro a junho, mesmo em feriados e finais de semana. Quem sofre é a população: o Grande Rio teve 54 pessoas vítimas de balas perdidas (10 morreram e 44 ficaram feridas), 15% a mais do que no segundo semestre do ano passado. Ao todo, a Região Metropolitana do Rio teve 499 mortos e 450 feridos.



REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

APRESENTAÇÃO

As vítimas dos tiros na Região Metropolitana do Recife têm alvo certo. Os crimes acontecem frequentemente por acertos de contas e disputas por áreas do tráfico de drogas. Uma das principais características da violência armada na região é o fato de que o risco está tanto na rua quanto em casa.

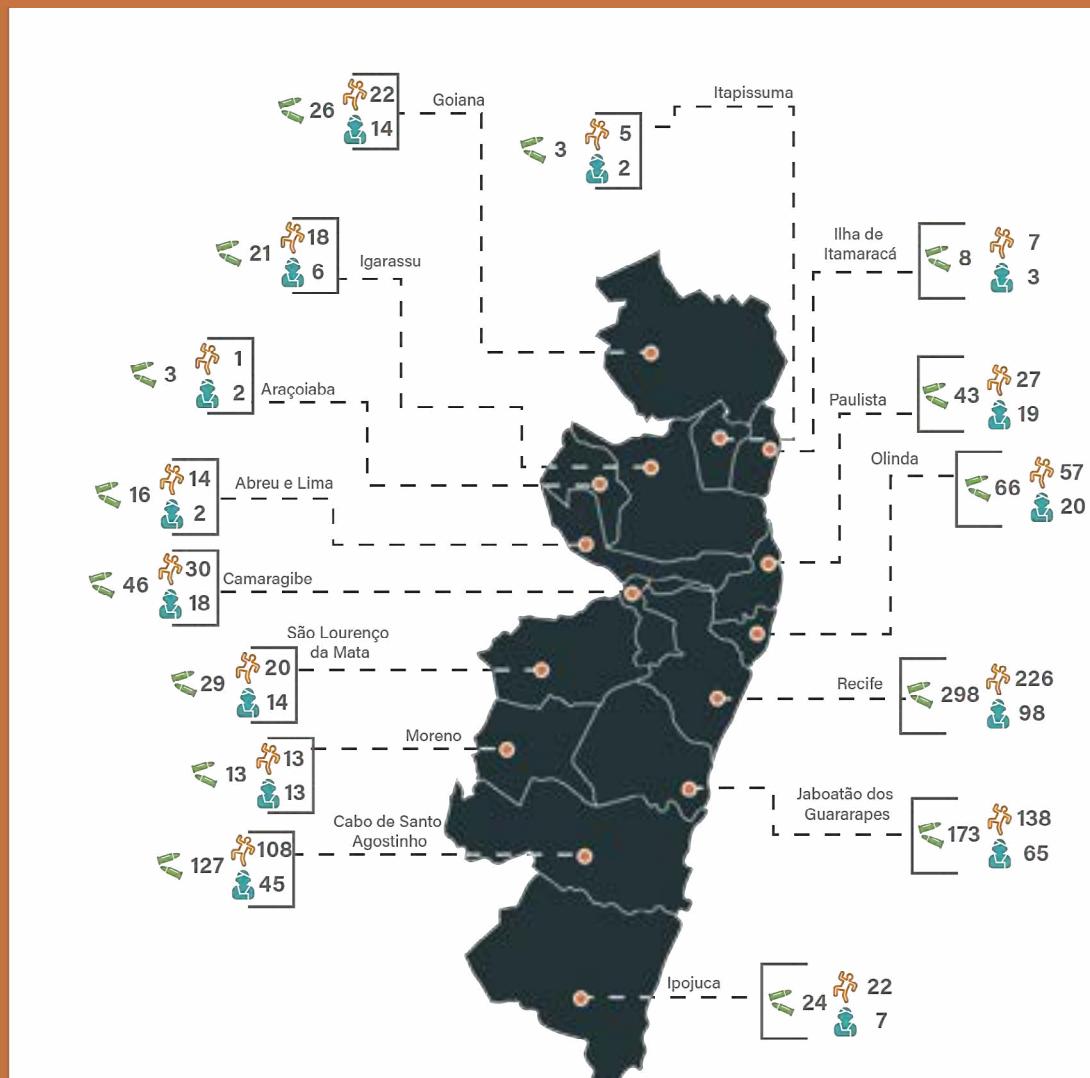
De janeiro a junho deste ano, 136 pessoas foram baleadas dentro de casa - 109 morreram. O número de mortos em residências é o maior da série histórica, desde 2018; o dado mostra estabilidade em relação ao primeiro semestre de 2021 e um aumento de 23% em comparação com o segundo semestre de 2021.

As recentes portarias do governo federal que facilitaram o acesso às armas parecem ter tido o efeito inverso do argumento da presidência da República. A alegação era de que as armas dariam mais segurança à população. Mas a verdade é que ficou mais fácil para o autor do crime adquirir uma arma e mais difícil para a vítima se defender.

O contexto do Grande Recife também faz vítimas entre os adolescentes - foram 47% a mais este ano do que no primeiro semestre de 2021. Entre os agentes de segurança houve queda: o número de baleados caiu de 13, no primeiro semestre de 2021, para 10 em 2022. Mesmo com a diminuição, as mortes seguem sendo inaceitáveis.



Foto: TV Jornal

DADOS GERAIS | 2022.1
GRANDE RECIFE

AUMENTO EM RELAÇÃO A MÉDIA SEMESTRAL *

+68%DE TIROTEIOS/DISPAROS
EM CABO DE SANTO AGOSTINHO**+58%**DE TIROTEIOS/DISPAROS
EM IPOJUCA

*Segundo semestre de 2018 ao final de 2021



TRABALHADORES INFORMAIS BALEADOS



AGENTES DE SEGURANÇA



O Grande Recife está perto de alcançar o triste número de 100 agentes de segurança baleados desde que o Fogo Cruzado começou a atuar na região em 2018. Em quatro anos, foram 95 agentes. Dados do mais recente Relatório Semestral do Instituto mostram que os policiais são mais alvos da violência armada quando estão fora do horário de trabalho. De janeiro a junho de 2022, a Região Metropolitana do Recife teve 10 agentes de segurança baleados. Destes, 4 ficaram feridos e 6 morreram, e é aí que está a diferença: entre os 6 mortos, apenas 1 foi morto em serviço; outros 5 estavam fora de serviço, em horário de folga ou eram aposentados/exonerados.

Houve queda no número de policiais baleados, mas os dados seguem altos. O número de 10 baleados neste semestre é somente um pouco menor do que o do primeiro semestre de 2021 - foram 13 naquele período -, e é maior em comparação ao mesmo período de 2020 - 8 baleados.

Recife concentra a maior parte dos casos de agentes de segurança mortos: dos 6, cinco foram na capital e outro em Jaboatão dos Guararapes. Entre os feridos, 2 foram em Recife, 1 em Moreno e mais 1 em Camaragibe - este último foi baleado durante uma ação policial.

As tropas da PM são as que mais perdem em contingente. A maioria dos agentes de segurança baleados no primeiro semestre é policial militar (8); 1 é policial civil, e outro é guarda municipal.

Um dos casos marcantes de agentes de segurança baleados em 2022 é o de Albérisson Carlos, presidente da Associação de Cabos e Soldados da PM de Pernambuco. Ele foi morto em fevereiro na Madalena, Zona Oeste do Recife. Segundo testemunhas, os autores do crime estavam de tocaia e esperaram o policial sair da sede da associação para assassiná-lo. Albérisson estava acompanhado.

Este é um caso que retrata como o policial fica desprotegido quando é alvo fora de serviço. Mesmo sendo ele o principal alvo, amigos e familiares podem ser atingidos pela violência. Por isso, é preciso investir nos setores de inteligência e investigação.

AGENTES BALEADOS POR SEMESTRE

MORTOS

2019.1

10

2020.1

6

2021.1

8

2022.1

6

FERIDOS

2019.1

2020.1

2021.1

2022.1

6

2

5

4

Também em fevereiro, policiais civis de Pernambuco foram às ruas para protestar. Não é um movimento comum - ele só acontece quando as coisas realmente estão difíceis. Na famosa Praia de Boa Viagem, cruzes foram fincadas no chão para lembrar dos agentes de segurança vítimas da violência armada. Os policiais pediam valorização profissional e melhor estrutura de trabalho.

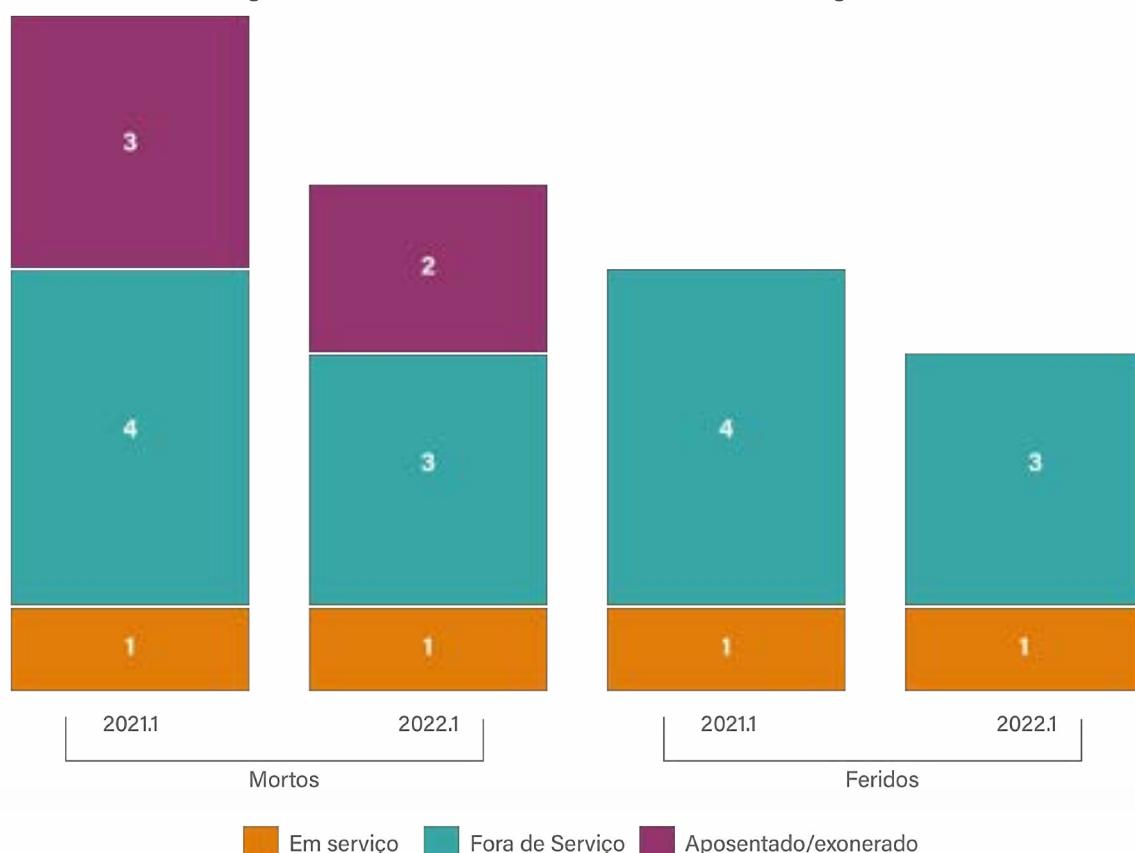
Sem o mínimo, a segurança do estado não consegue avançar. Faltam materiais, falta contingente policial. Algumas delegacias em Pernambuco até fecham mais cedo por falta de efetivo; há delegacias que não abrem nos fins de semana. Se o cidadão sequer consegue registrar uma ocorrência, ou prestar uma queixa, como os crimes serão investigados? Como os casos serão resolvidos?

A segurança pública funciona com o combate direto à violência, nas ruas e estradas, mas também com investimento em inteligência, tecnologia e ferramentas que podem aperfeiçoar e valorizar o trabalho dos policiais. Quando nenhuma dessas pontas está afinada, o agente de segurança procura outros meios, como os 'bicos', atividades paralelas como trabalhos na segurança privada para complementar a renda. Em 2017, a Corregedoria Geral da Secretaria de Defesa Social (SDS) orientou as polícias a proibir o trabalho de segurança privada nos horários de folga.

A segurança de Pernambuco enfrentou um outro problema no ano passado. Um policial civil, responsável pela manutenção e conserto de armas da Core, sentiu falta de parte do armamento que estava guardado em uma sala isolada. O sumiço das armas foi investigado, e descobriu-se que 20 pessoas, entre elas cinco policiais civis, faziam parte de um esquema de desvio.

O armamento roubado pertencia à Guarda Municipal de Ipojuca, município da Região Metropolitana do Recife, e estava guardado no armazém da Polícia Civil. Mais de 1 mil armas (pistolas, revólveres e submetralhadoras entre elas) teriam sido furtadas, além de mais de 3 mil munições. Essas armas foram parar nas mãos de traficantes e foram vendidas por preços bem menores do que haviam sido compradas. O esquema ficou conhecido em Pernambuco como 'Black Friday das Armas'.

AGENTES DE SEGURANÇA BALEADOS POR STATUS DE SERVIÇO



CABO DE SANTO AGOSTINHO - PE

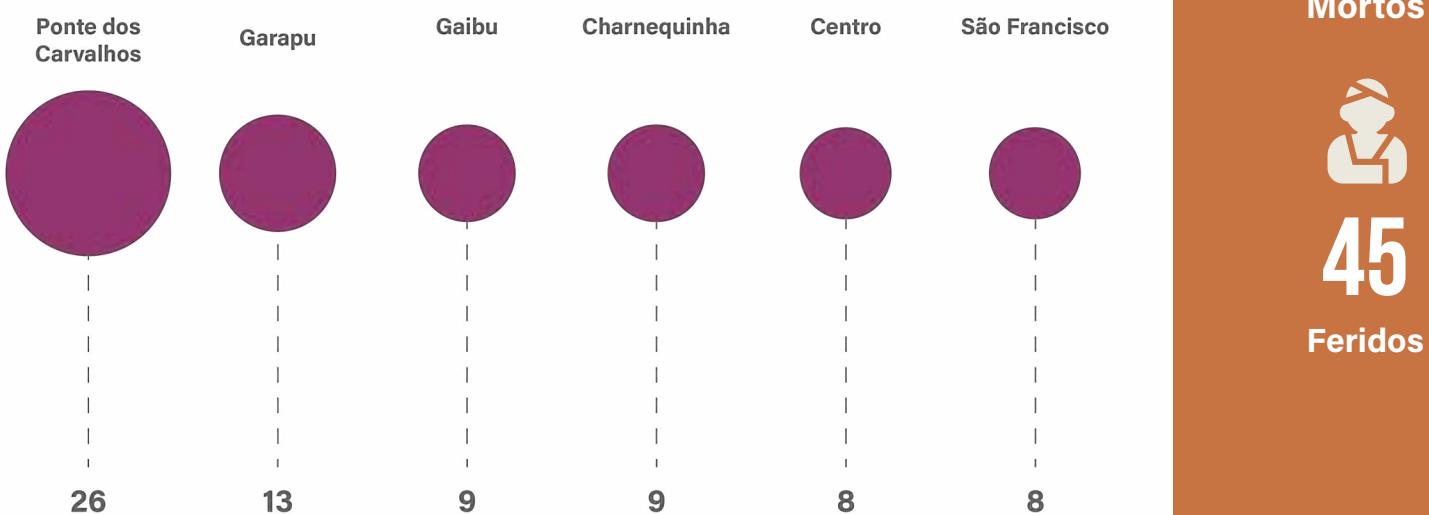
Traficantes do Cabo de Santo Agostinho ordenaram, em abril, que uma professora de 63 anos retirasse as câmeras de segurança instaladas na porta da residência. Ela se negou, argumentando que o equipamento não era para acompanhar a movimentação do tráfico, mas para a própria segurança. Um mês depois, a mulher foi assassinada a tiros na rua de casa, enquanto passeava com seu cachorro de estimação, que também foi morto.

O Cabo de Santo Agostinho, com população de aproximadamente 208 mil habitantes, é disputado bairro a bairro por traficantes. A violência armada nos municípios do Litoral Sul pernambucano cresceu na última década e se tornou um problema difícil de solucionar.

O número de tiroteios no Cabo de Santo Agostinho teve aumento de 68% no primeiro semestre deste ano, em comparação com a média semestral da série histórica. Foram 127 tiroteios em seis meses. O número de mortos, consequentemente, também subiu - um aumento de 64%. Ipojuca vive crescimento parecido: 2022, até agora, representou aumento de 58% no primeiro semestre deste ano em relação à média semestral. O número de mortos saiu de 14, na média semestral, para 22, um crescimento de 62%.

Ponte dos Carvalhos é o bairro do Cabo que mais sofre com tiroteios, e alcançou um recorde: o primeiro semestre de 2022 foi o que teve mais tiroteios em Ponte em toda a série histórica do Fogo Cruzado, que começou em 2018. Como comparação, foram 26 tiroteios no primeiro semestre de 2022 e menos da metade disso (11) no primeiro semestre de 2021. No segundo semestre de 2021 foram 17.

6 BAIRROS COM MAIS TIROTEIOS | 2022.1



DADOS GERAIS | 2022.1



127

Tiroteios/
Disparos



7

Ações/operações
policiais



108

Mortos



45

Feridos

O crescimento do tráfico pode ter relação com a expansão e derrocada de investimentos na produção petrolífera nacional. As implantações da Refinaria Abreu e Lima, em Ipojuca, e estaleiros no Complexo Industrial do Porto do Suape fizeram disparar a população que circula pelas duas cidades - cerca de 42 mil pessoas chegaram a trabalhar na época de pico das obras. O Porto do Suape é um dos mais importantes do país porque está próximo das costas africana e europeia, e por isso se tornou rota marítima fundamental para o comércio de derivados do petróleo. O crescimento da população aconteceu simultaneamente ao enfraquecimento da Petrobras e à crise econômica nos últimos anos. Como consequência, houve aumento no desemprego.

O Porto de Suape hoje faz parte da rota do tráfico internacional de drogas. Enquanto isso, dentro das cidades, os grupos armados crescem e se dividem. A facção Trem Bala é a mais forte da região e tem ligações com o Primeiro Comando da Capital (PCC). Mas outro grupo, o Comando Litoral Sul (CLS), também tem construído redes de tráfico nas cidades de Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho. O CLS é uma espécie de braço pernambucano do Comando Vermelho (CV).

O clima de tensão tem consequências diretas na vida da população, que além de sofrer com a violência, é vigiada dia e noite. Em abril, a Polícia Civil encontrou em uma casa no Cabo de Santo Agostinho uma central de monitoramento dominada pelo tráfico. A estrutura tinha 28 câmeras, e foi criada para acompanhar a movimentação nas ruas, de moradores, facções rivais e da própria polícia.

A violência no Cabo tem vitimado até crianças. Um grupo de pessoas encapuzadas invadiu uma casa no distrito de Ponte dos Carvalhos e matou uma menina de 7 anos, no último dia 11 de junho. O alvo era o padrasto dela, um adolescente de 17 anos, que também foi baleado, mas sobreviveu. O caso é investigado pela Delegacia de Homicídios.



Foto: Emerson Pereira/Tv Jornal

crianças e adolescentes



Um país que não se preocupa com a garantia dos direitos de crianças e adolescentes coloca seu próprio futuro em xeque. O desenvolvimento de qualquer cidade, estado ou nação passa, inevitavelmente, pela forma como as políticas públicas tratam os jovens. Em Pernambuco, não tem sido fácil. Crescer é um desafio.

Em 2017, um estudo da Secretaria Nacional da Juventude em parceria com a Unesco e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública apontou que um jovem negro tem quase quatro vezes mais chances de ser assassinado em Pernambuco do que um jovem branco da mesma idade. Em 2021, um outro estudo, da Rede de Observatórios da Segurança, mostrou que Pernambuco é o lugar mais perigoso para ser jovem no Brasil, entre os estados monitorados.

Esses dados só traduzem o que as crianças e adolescentes vivem dentro de casa e nas ruas. A violência armada está espalhada pelos bairros, nos espaços que elas frequentam e, muitas vezes, até na forma como são tratadas pelo estado. As ríspidas abordagens policiais, chamadas em Pernambuco de 'baculejo', continuam tendo como alvo preferencial os jovens, especialmente jovens negros. Na capital Recife, bairros populares como Barro, Totó, Pina, Jardim São Paulo e São Martin têm tido 'baculejos' frequentes em moradores e moradoras.

Os tiroteios também assustam e têm feito mais vítimas entre as crianças. O primeiro semestre de 2022 no Grande Recife teve seis crianças baleadas - duas morreram e outras quatro ficaram feridas. O número chegou perto do segundo semestre de 2020, que teve sete crianças vítimas de tiros e, por enquanto, é o maior da série histórica.

O caso mais marcante de criança vítima de tiros é o de Helysa Gabrielle, de 6 anos. A menina, moradora da comunidade de Salinas, em Ipojuca, estava brincando no terraço de casa quando foi atingida por um tiro no peito. Na rua, havia uma perseguição policial: um homem de motocicleta tentava escapar da polícia, que atirou.

O caso ganhou repercussão nacional por ter sido uma criança e por ter acontecido no balneário de Porto de Galinhas, conhecido internacionalmente como uma das mais belas praias do mundo.

crianças baleadas por semestre



MORTOS

2019.1

0

2020.1

1

2021.1

0

2022.1

2



FERIDOS

2019.1

2020.1

2021.1

2022.1

6

3

4

4

A primeira metade de 2022 bateu recorde entre adolescentes (12 a 17 anos) vítimas de tiros. Nunca um semestre havia tido tantos adolescentes baleados como neste período: foram 72 vítimas, 47% a mais do que o primeiro semestre de 2021 (49). O número de adolescentes mortos é maior do que o de adolescentes feridos, ao contrário do que acontece com as crianças: 43 adolescentes foram mortos, de janeiro a junho de 2022, e 29 ficaram feridos. Nesta faixa etária, as balas já não são mais perdidas, mas achadas.

Os dados do Fogo Cruzado evidenciam a realidade a qual os adolescentes estão submetidos. Dos 43 adolescentes mortos no primeiro semestre de 2022, 38 deles foram vítimas de homicídios. Outros 23 adolescentes sofreram tentativas de homicídio, mas sobreviveram. O número de adolescentes feridos, aliás, é mais do que o dobro do primeiro semestre de 2021 (123%). Isso mostra que, na Região Metropolitana do Recife, os adolescentes são escolhidos pelos autores dos crimes, ou seja, são alvos diretos da violência.

Isso tem sido visto em Jaboatão dos Guararapes, cujo número de mortes de adolescentes dobrou neste semestre, em comparação com o primeiro semestre de 2021. De janeiro a junho de 2022, foram 10 mortes nesta faixa etária. A capital Recife teve queda em relação a 2021 (25%), mas segue no topo do ranking neste recorte: 12 adolescentes foram mortos a tiros no primeiro semestre do ano, média de dois mortos por mês.

ADOLESCENTES BALEADOS POR SEMESTRE

MORTOS

2019.1

2020.1

2021.1

2022.1

37

40

36

43

FERIDOS

2019.1

2020.1

2021.1

2022.1

16

23

13

29

A scenic view of the Sugarloaf Mountain in Rio de Janeiro, with the city skyline and ocean in the background.

REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

APRESENTAÇÃO

Nos primeiros 180 dias do ano, o Grande Rio teve 499 mortos e outros 450 feridos. Isso significa que, todos os dias, pelo menos 5 pessoas foram atingidas por um tiro, em média. Este, definitivamente, não é um lugar seguro.

Essas pessoas foram vítimas de conflitos entre grupos armados, operações policiais que terminaram em tiroteio, tentativas de assalto e balas perdidas, esta última uma característica bem particular da violência armada fluminense. De janeiro a junho, 54 pessoas foram atingidas por balas perdidas, e 10 delas morreram. A boa notícia é que o número de crianças baleadas diminuiu de sete, em 2021, para quatro em 2022. Ainda assim, houve tristeza, como no caso do menino Kevin Lucas, morto por um tiro em Queimados na primeira semana do ano.

O número de tiroteios durante ações e operações policiais também teve queda (26%) em relação ao primeiro semestre de 2021. O número de mortos nessas situações também diminuiu 29%, mas a letra fria do número não significa muito quando as práticas continuam as mesmas: assim como no Jacarezinho, ano passado, mais uma operação policial terminou com dezenas de mortos. Em maio, na Vila Cruzeiro, foram 23. Os dados do relatório semestral na Região Metropolitana do Rio mostram que mais da metade das mortes por tiros (55%) aconteceram em ações ou operações policiais.



Foto: Metrópoles

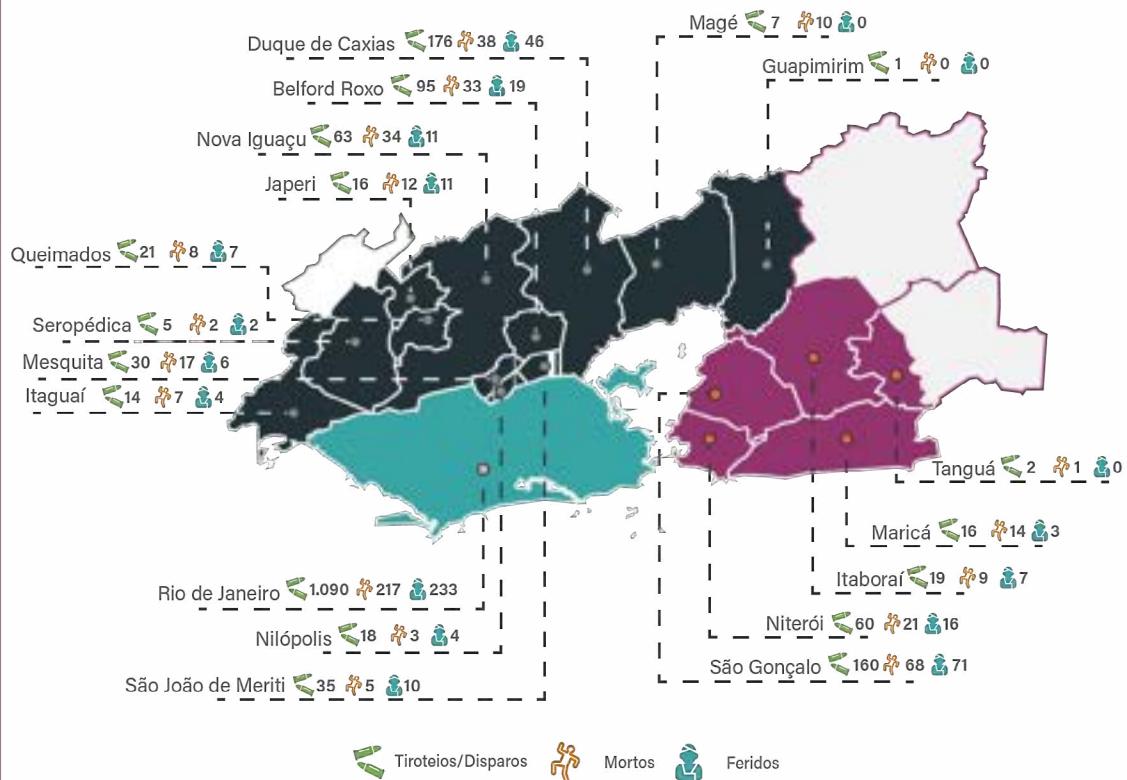
DADOS GERAIS | 2022.1
GRANDE RIO

 **1.828**
Tiroteios/Disparos

 **574**
Tiroteios/disparos
em ação/operação policial

 **499**
Mortos

 **450**
Feridos



TIROTEIOS/DISPAROS POR REGIÃO



 **04**
CRIANÇAS BALEADAS

→ **01** MORTO **03** FERIDOS

 **22**
ADOLESCENTES BALEADOS

→ **07** MORTOS **15** FERIDOS

 **21**
IDOSOS BALEADOS

→ **10** MORTOS **11** FERIDOS



QUEDA EM RELAÇÃO
AO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

-26% DE MORTES EM
AÇÃO/OPERAÇÃO

MOTIVOS DOS TIROTEIOS | 2022.1



■ Tiroteios/disparos ■ Ação/Operação ■ Mortos ■ Feridos

CHACINAS



As feridas ainda não tinham cicatrizado. A Chacina do Jacarezinho havia completado um ano há poucos dias quando o Rio de Janeiro viveu outro episódio que ultrapassou duas dezenas de mortes e manchou de sangue toda a estrutura da segurança pública do estado. Uma operação policial na Vila Cruzeiro deixou 23 mortos e se tornou a segunda operação mais letal da história do Rio.

O primeiro semestre deste ano teve queda no número de chacinas (32%) e no número de mortos (34%) em comparação com o mesmo período de 2021, na Região Metropolitana do Rio. Isso não significa, porém, que o estado está seguro. O Grande Rio teve 26 chacinas no primeiro semestre de 2022, segundo dados do Relatório Semestral do Instituto Fogo Cruzado. Juntas, essas chacinas deixaram 111 mortos. O Instituto Fogo Cruzado considera chacina quando há três ou mais mortos em um mesmo episódio.

Das 26 chacinas ocorridas no primeiro semestre, 18 delas aconteceram durante ações e operações policiais, e pelo menos duas delas na Vila Cruzeiro, no Complexo da Penha. Em fevereiro, uma operação da Polícia Militar com a Polícia Rodoviária Federal deixou 9 mortos. Em maio, outra operação com as mesmas corporações deixou 23 mortos.

CHACINAS

2017.1	2018.1	2019.1	2020.1	2021.1	2022.1
20	37	34	24	38	26

MORTOS EM CHACINAS

2017.1	2018.1	2019.1	2020.1	2021.1	2022.1
67	148	144	93	169	111

CHACINAS EM AÇÕES/OPERAÇÕES

2017.1	2018.1	2019.1	2020.1	2021.1	2022.1
12	21	27	18	31	18

MORTOS EM CHACINAS EM AÇÕES/OPERAÇÕES

2017.1	2018.1	2019.1	2020.1	2021.1	2022.1
39	89	109	72	138	89

Na Baixada, em fevereiro, sete pessoas foram mortas durante uma operação policial no Parque Floresta, em Belford Roxo. Há algo em comum entre essas atuações policiais em Belford Roxo e no Complexo da Penha: elas aconteceram em áreas dominadas pelo Comando Vermelho.

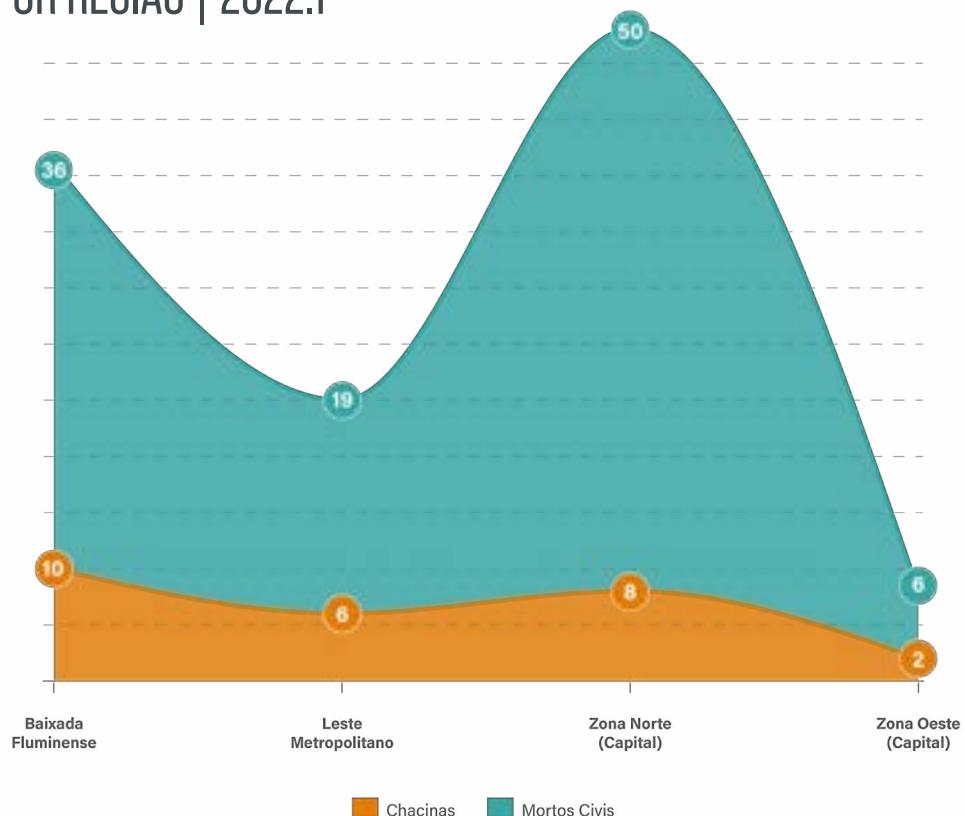
A Baixada Fluminense, aliás, é a região do Grande Rio que mais sofre com essa prática cruel: 38% das chacinas do primeiro semestre de 2022 aconteceram lá. Essa proporção é maior do que a do primeiro semestre do ano passado: na época, 32% das chacinas da Região Metropolitana do Rio haviam ocorrido na Baixada.

A Zona Norte do Rio tem sido especialmente afetada por operações policiais com muitas mortes. De janeiro a junho, das 26 chacinas no Grande Rio, oito ocorreram na Zona Norte do Rio - essas oito chacinas deixaram 50 mortos. Quase todas (seis delas) foram com participação de unidades policiais, que deixaram 47 mortos.

Diante do pouco investimento em inteligência e investigação policial, o mapa das facções do Rio de Janeiro se movimenta a todo instante. Facções do tráfico e milícias disputam diferentes áreas da capital e dos municípios da Baixada Fluminense, Niterói e São Gonçalo. No mesmo dia em que a operação na Vila Cruzeiro deixou 23 mortos, um ataque do Terceiro Comando Puro (TCP) ao Morro do Juramento (CV) deixou três mortos. Os mortos na disputa pelo Juramento chegaram a ser inseridos por engano na lista de vítimas oficiais da Vila Cruzeiro.

Através da ADPF 635, que restringiu operações policiais para casos excepcionais durante a pandemia, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou ao governo do estado do Rio a criação de um plano de redução da letalidade policial. Um projeto foi apresentado pelo governo em março, mas foi considerado muito genérico. O plano inicial não tinha meta de prazos, nem orçamento mínimo para a execução das ações. O STF, então, deu um prazo de mais três meses para que o estado do Rio apresente um novo plano, desta vez mais detalhado.

CHACINAS POR REGIÃO | 2022.1



No Centro (Capital) e na Zona Sul não houve chacina no primeiro semestre de 2022

AGENTES DE SEGURANÇA



Thiago da Costa, de 40 anos, estava em uma loja de material de construção na Ilha do Governador quando foi chamado por um homem. Ao sair da loja, foi atingido com dois tiros na cabeça. Thiago era agente do Degase (Departamento Geral de Ações Socioeducativas), que cuida das instituições de medida socioeducativa. O caso aconteceu no dia 21 de março. No dia seguinte (22), Nilson de Souza Maia, de 59 anos, estava dentro do carro em Del Castilho, Zona Norte do Rio, quando foi cercado por três homens armados. O trio disparou contra o veículo e os tiros acertaram Nilson, que morreu na hora. Ele era policial civil.

Separados por menos de 24 horas de diferença, os dois casos mostram como agentes públicos de segurança estão expostos à violência armada, especialmente quando estão fora do horário de trabalho. A prática é habitual na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Dados do Relatório Semestral do Instituto Fogo Cruzado mostram que, dos 30 agentes mortos de janeiro a junho, 26 estavam fora do serviço, ou seja, não estavam em horário de trabalho ou já eram aposentados/exonerados; apenas 4 foram mortos durante o serviço. A maioria dos agentes de segurança mortos era da Polícia Militar (16); outros 6 eram da Polícia Civil; 3 eram da Marinha; 2 da Aeronáutica; 1 do Exército; 1 da Guarda Municipal e 1 do Degase.

No geral, o número de agentes de segurança mortos no primeiro semestre do ano teve queda de 23% em comparação com o primeiro semestre de 2021. O número de agentes de segurança que foram baleados e sobreviveram também teve queda (36%).

AGENTES BALEADOS POR SEMESTRE

MORTOS

2017.1	2018.1	2019.1	2020.1	2021.1	2022.1
87	65	30	32	39	30

FERIDOS

2017.1	2018.1	2019.1	2020.1	2021.1	2022.1
125	112	96	42	56	36

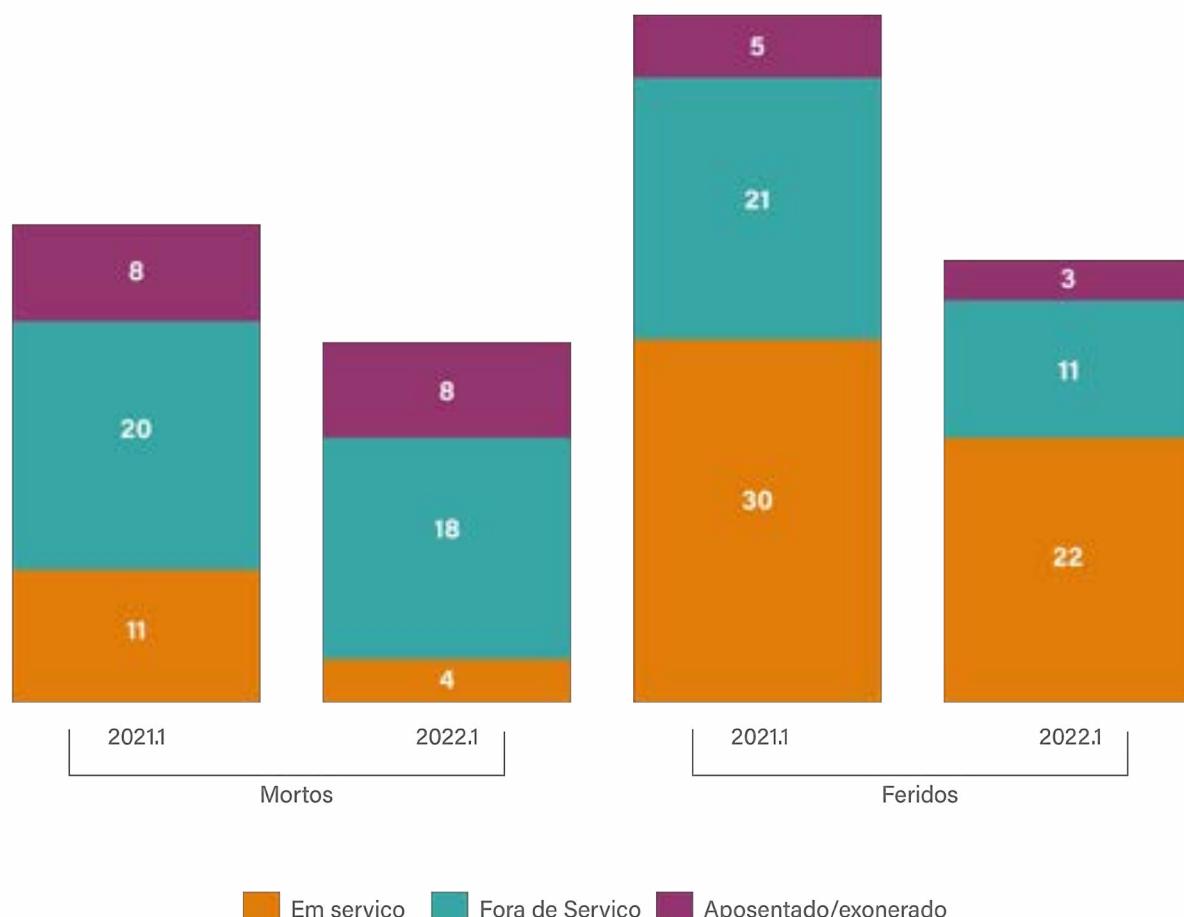
Boa parte dos assassinatos de agentes de segurança fora do horário de serviço acontece durante assaltos, quando o autor do crime reconhece a vítima como policial ou segurança e age rápido para impedir a reação. Houve casos de agentes baleados em ao menos 10 cidades da Região Metropolitana, mas a maioria dos episódios se concentrou na cidade do Rio: 15 mortos e 27 feridos na capital.

Sandro Santos da Silva foi um dos policiais militares mortos durante o serviço neste primeiro semestre de 2022, na cidade do Rio - o caso aconteceu em janeiro. O soldado de 30 anos foi atingido durante uma abordagem a um veículo que passava pela Avenida Brasil, via mais importante da Região Metropolitana do Rio, na altura da Zona Norte. Um dos homens que estava dentro do veículo atirou contra a equipe policial, matando Sandro e baleando outro PM.

Casos como esse poderiam ser solucionados com a implementação das câmeras portáteis nos uniformes dos policiais militares. A licitação foi feita ainda em 2021, mas os equipamentos só foram implementados em junho - por enquanto, em poucos batalhões.

A implementação das câmeras ocorreu após o julgamento da ADPF 635, no Supremo Tribunal Federal (STF), que determinou que o governo do estadual criasse um plano para reduzir a letalidade policial. As câmeras podem ajudar a elucidar casos em que policiais cometem erros ou são vítimas da violência.

AGENTES DE SEGURANÇA BALEADOS POR STATUS DE SERVIÇO | 2022.1

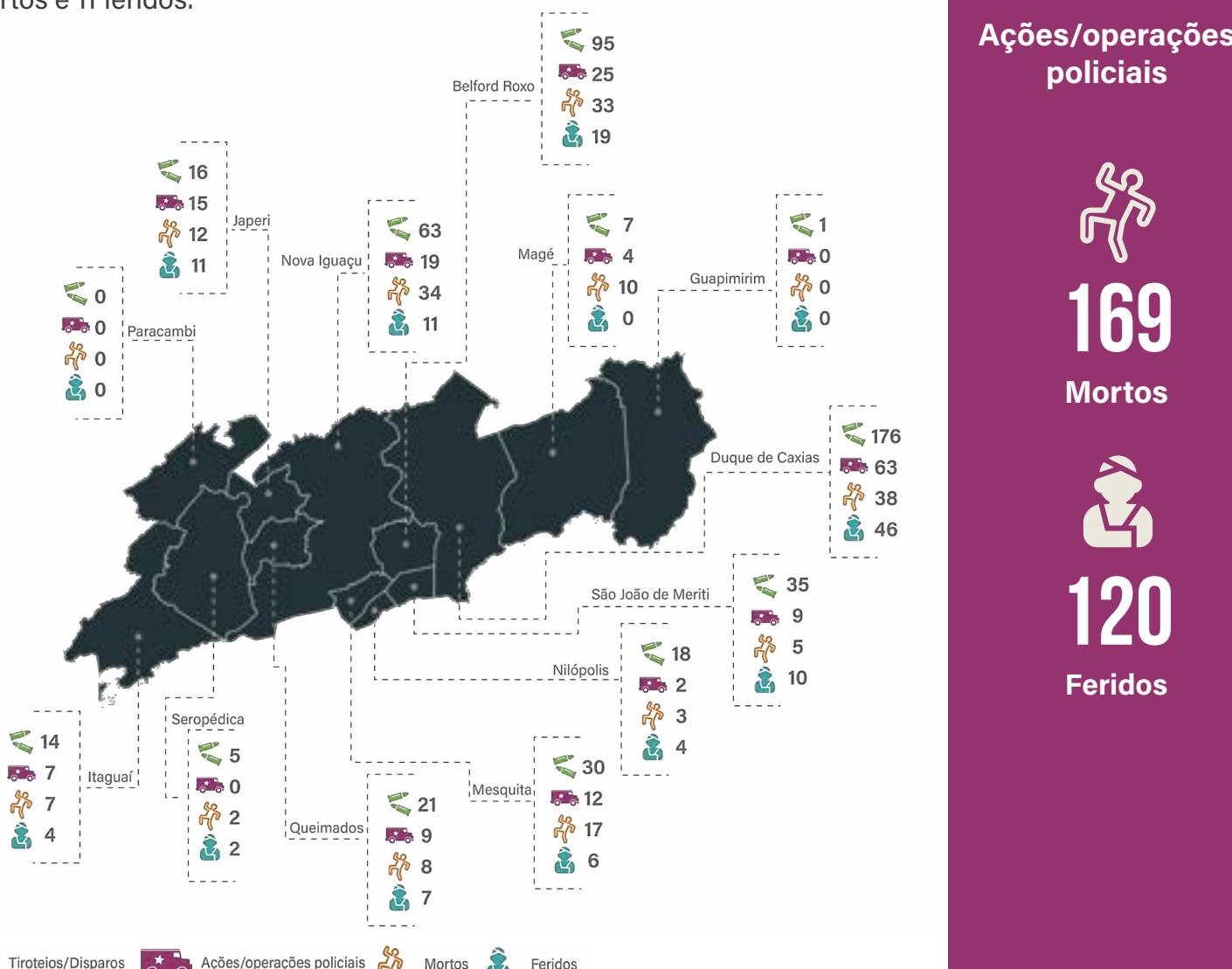


BAIXADA FLUMINENSE - RJ

A Baixada Fluminense é populosa, rica em belezas naturais e vigorosa no setor da indústria. Mas, infelizmente, também é lembrada pela violência. Os 13 municípios, cada qual à sua maneira, convivem com problemas sérios de segurança, que as décadas de falhas do poder público parecem contribuir para aumentar o problema.

Em média, a Baixada concentrou uma em cada três mortes por armas de fogo que ocorreram na Região Metropolitana do Rio. O município de Magé se destacou negativamente: teve apenas uma morte por arma de fogo no primeiro semestre de 2021, e dez mortes no primeiro semestre de 2022. Um aumento impressionante de 900%. Queimados também duplicou o número de mortos e feridos. Japeri viu aumentar o número de tiroteios em ações policiais - foram 9 em 2021 (janeiro a junho) e 15 em 2022 (janeiro a junho), um aumento de 67%.

Duque de Caxias foi o município da Baixada Fluminense com mais vítimas: foram 38 mortos e 46 feridos, um total de 84 pessoas baleadas. O número de tiroteios em ações e operações policiais quase dobrou (97%) em Caxias, na comparação com os primeiros seis meses do ano passado. Belford Roxo teve 52 baleados - 33 mortos e 19 feridos; Nova Iguaçu teve 45 baleados, sendo 34 mortos e 11 feridos.



As chacinas seguem rondando quem vive na Baixada Fluminense, região já marcada por aquele que foi o maior episódio da história do estado, a Chacina da Baixada. Em 31 de março de 2005, policiais à paisana percorreram as ruas de Nova Iguaçu e Duque de Caxias disparando tiros sem razão aparente. 29 pessoas foram mortas. É bem verdade que o número de chacinas teve queda de 17% no primeiro semestre de 2022, em relação ao primeiro semestre de 2021. Mas a Baixada Fluminense foi, ao lado da capital, a região com o maior número de chacinas no Grande Rio: 10 das 26 chacinas foram na Baixada.

Sufocada pela presença de grupos de extermínio desde a década de 1970, segundo pesquisadores, a Baixada Fluminense também tem nas operações policiais com muitas mortes outro componente da violência armada local. Seis homens foram mortos no bairro Parque Floresta, em Belford Roxo, no início de fevereiro. Segundo a Polícia Militar, agentes de segurança trocaram tiros com traficantes locais. A área é dominada pelo Comando Vermelho.

Os casos de tiroteios em operações policiais cresceram 20% na comparação entre o primeiro semestre do ano passado e o de 2022. Os 165 tiroteios em ações e operações policiais deixaram 100 mortos e 98 feridos. Duque de Caxias teve quase o dobro (97%) do número de tiroteios em operações policiais: foram 63 casos no primeiro semestre do ano, contra 32 casos no primeiro semestre de 2021. O aumento em Nova Iguaçu também foi quase o dobro (90%): 19 tiroteios em operações policiais em 2022, e 10 em 2021 (janeiro a junho).

CHACINAS

2017.1	2018.1	2019.1	2020.1	2021.1	2022.1
1	14	12	2	12	10

MORTOS EM CHACINAS

2017.1	2018.1	2019.1	2020.1	2021.1	2022.1
3	47	49	6	49	36

CHACINAS EM AÇÕES/OPERAÇÕES

2017.1	2018.1	2019.1	2020.1	2021.1	2022.1
1	6	8	1	8	8

MORTOS EM CHACINAS EM AÇÕES/OPERAÇÕES

2017.1	2018.1	2019.1	2020.1	2021.1	2022.1
3	19	30	3	27	30

METODOLOGIA

O Fogo Cruzado é composto por uma plataforma digital colaborativa dedicada ao registro de episódios de violência armada, e suas consequências, em regiões metropolitanas do Brasil - operando atualmente no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia (desde julho de 2022). Essa iniciativa desponta no cenário brasileiro pelo seu pioneirismo na combinação de duas estratégias bem-sucedidas:

- Promoção de autonomia da sociedade no registro da violência armada (em suas diversas circunstâncias) e, principalmente;
- Curadoria, análise e divulgação responsável das informações, com mecanismos de checagem adequados que garantem confiabilidade aos dados.

A rotina do serviço prestado é baseada no tripé: coleta de dados sobre tiroteios, sistematização das informações em base de dados própria e disseminação do conhecimento produzido. Para tanto, a organização disponibiliza um aplicativo gratuito exclusivo, possui forte presença nas redes sociais e site multifuncional.

Cada região metropolitana onde o Fogo Cruzado atua conta com uma equipe responsável por monitorar, diariamente, casos de tiroteios através das nossas fontes. As informações são coletadas: 1) via usuários - através do aplicativo e redes sociais; 2) via imprensa e 3) via informações públicas dos órgãos de segurança.

Uma vez notificado sobre um tiroteio, o analista do Fogo Cruzado checa a veracidade da informação, de acordo com os critérios pré-estabelecidos pela organização, antes de cadastrá-la no banco de dados. Nessa etapa, os analistas buscam analisar uma série de características dos episódios de violência armada, bem como avaliam marcadores geográficos e temporais para evitar duplicações.

Os dados sistematizados na base de dados sobre violência armada exclusiva do Fogo Cruzado são disponibilizados para a população em múltiplos formatos:

- I) Em sua forma bruta através da API e da ferramenta de pesquisa da mesma.
- II) Em forma de indicadores de tendências em tempo real através de postagens em nossas redes sociais.
- III) Em forma de levantamentos temáticos através da seção de notícias do nosso site.
- IV) Em forma de levantamentos acumulados de períodos em nossos relatórios mensais, semestrais e anuais.
- V) E, finalmente, por e-mail sob demanda de jornalistas, organizações da sociedade civil, gestores públicos ou qualquer cidadão interessado.



www.fogocruzado.org.br



Rio de Janeiro



Pernambuco



Bahia

